



NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO: DISCUSSÕES PARADIGMÁTICAS

Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves

Faculdade de Comunicação Social

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

As novas tecnologias de comunicação e informação nos colocam questões tanto de ordem prática quanto teórica. Tentaremos aqui investigar o modo como uma análise de um fenômeno totalmente ligado às novas tecnologias de comunicação, a saber, os relacionamentos amorosos virtuais ou ciberamor, pode contribuir para a discussão acerca do modo como podemos compreender os processos comunicacionais.

Iniciaremos com uma discussão dos modelos básicos de compreensão do processo de comunicação tal como propostos por Lucien Sfez. Faremos em seguida um rápido percurso pelo campo dos relacionamentos amorosos virtuais e finalmente veremos em que a análise desses relacionamentos pode contribuir para a discussão da modelização dos processos comunicativos.

Modelos

Como mencionamos acima, nos baseamos aqui, para a discussão dos modelos possíveis para o processo comunicacional, nas idéias de Lucien Sfez¹.

Esse autor lê o campo da comunicação, o campo da teoria e das práticas de comunicação a partir de três categorias que funcionam como “três metáforas constitutivas com três visões de mundo”¹. Cada uma dessas metáforas constitui um modelo básico de compreensão.

Essas três categorias são a representação, a expressão e o tautismo.

A representação, ou a compreensão representativa da comunicação, se define pela primazia do sujeito transcendental livre, por uma compreensão puramente utilitária da técnica, por uma relação de externalidade entre máquina e homem: o homem livre se serve como

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



deseja de uma máquina (de comunicação) que lhe é exterior e que em nada o afeta ou à mensagem por ele enviada.

Há aqui coincidência total das duas teorias clássicas da representação e da comunicação. Ambas repousam numa tripartição. A comunicação, com efeito, estabelece a distinção emissor-receptor e introduz entre eles um canal. A representação recorre a um mundo objetivo e a um representado, e vincula-os através de um mediador, voltado de um lado para o mundo objetivo e, de outro, para o sinal que garante. Resultado: poderes consideráveis, exclusivos, são concedidos à mídia nos dois casos. O receptor da mensagem não pode senão registrar a realidade objetiva transportada pelo canal. O representante tem, apenas ele, o poder de garantir a objetividade¹.

Comunicar, em termos um pouco filosóficos, é transmitir plena e adequadamente uma representação de uma consciência transparente para outra consciência transparente através de um canal. Dois sujeitos cartesianos numa relação total de compreensão mútua!

A expressão, por seu turno, desfaz a separação radical entre o sujeito e o mundo bem como entre o sujeito e os meios de comunicação. Sujeito e objeto estão aí ligados num todo em que o fundamental é a relação. À idéia de máquina, característica da visão representativa, se contrapõe, na expressão, a idéia de organismo, de um todo ou conjunto vivo organizado. Não seria exagerado falar numa imanentização do sujeito (que na representação guardava um caráter transcendental).

Aqui, os objetos técnicos são nosso contexto ‘natural’: pois estamos submetidos à visão de mundo que eles induzem. Nessa organização em que somos parte de um todo, o que conta é descobrir as trocas possíveis e analisar o papel dos elementos que formam esse todo a que se dá o nome de universo. Acaso e necessidade: as regras não são estabelecidas de uma vez por todas, subsistem bolsões aleatórios, e a identidade de um sujeito deve ser definida pontualmente. A preposição *em* prevalece. (...) Aplicada à comunicação, a expressão constitui um indiscutível afrouxamento do esquema representativo. A mídia não é mais personagem à parte, que traduz o mundo objetivo para um receptor passivo. A mídia está no mundo, da mesma forma que o receptor, assim como o mundo está na mídia e no receptor. A mídia aloja-se nos minúsculos interstícios desse *continuum*. Ela é apenas o indivíduo conhecedor, capaz de enunciados justos, adequados ao mundo. Cada um aqui é capaz de ser sua própria mídia. Cada um é *subjetivamente objetivo* em sua grande atividade de casamento com o mundo. Comunicação democrática ao alcance de todos¹.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

O tautismo, terceira metáfora, é marcado em primeiro lugar por uma confusão dos dois modelos precedentes: tomamos a expressão por representação ou o contrário, ou indiferenciamos expressão e representação num conjunto único. Se antes do tautismo representação e expressão estabeleciam um jogo dialético de controle mútuo, de equilíbrio, o tautismo assinala um rompimento do equilíbrio ou uma disfunção. Disso decorre que receptor e emissor se imiscuem ou se indiferenciam. Mas simultaneamente, o sujeito passa a existir definido totalmente pela técnica, é encarado como seu puro efeito.

O sujeito só existe através do objeto técnico que lhe atribui seus limites e determina suas qualidades. A tecnologia é o discurso da essência. Ela diz tudo sobre o homem e seu vir-a-ser. Aqui, a preposição *por* tem primazia. *Pela* técnica, o homem pode existir, mas não fora do espelho que ela lhe estende. Quem sabe não se eclipsará ele com produtor para não ser mais do que um produto, deixando a primazia à máquina inteligente, cujas aulas receberá? (...) Aplicado à comunicação, este sistema desemboca na confusão total entre o emissor e o receptor. Num universo em que tudo se comunica, sem que se saiba a origem da emissão, sem que se possa determinar quem fala, o mundo técnico ou nós mesmos, nesse universo sem hierarquias, salvo emaranhadas, em que a base é o cume, a comunicação morre por excesso de comunicação e se acaba numa interminável agonia de espirais. É a isso que dou o nome de ‘tautismo’, neologismo que une autismo e tautologia, embora evocando a totalidade, o totalitarismo¹.

Sfez aplica seu esquema tríplice de leitura ao campo da comunicação e aborda mesmo teorias que tradicionalmente não seriam reconhecidas como teorias da comunicação.

A representação subsume por exemplo a Semiologia Estrutural e a Teoria da Informação; a expressão engloba Bateson e Heinz von Foerster; o tautismo compreende Minsky, Pylyshyn e Fodor.

A posição de Lucien Sfez é bem conhecida: vivemos uma era de rompimento do equilíbrio entre representação e expressão, mas mais ainda, vivemos numa era em que encontramos absolutizações do representativo, absolutizações do expressivo ou ainda um processo de indiferenciação entre ambos. Vivemos em suma, e esse é nosso drama, no tautismo.

Nossa discussão, apoiada em Sfez, se baseia, como vimos, no tipo ou forma de modelo empregado para compreender os processos de comunicação. Temos diferentes metáforas básicas que definem tipos de modelos (representativo, expressivo, tautista) e a partir desses

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



tipos de modelos podemos ler o campo das Teorias da Comunicação e o campo das práticas comunicativas em geral.

Tentaremos inicialmente utilizar os modelos para tentar pensar os relacionamentos virtuais, para depois, em segundo lugar, verificar que tipo de enriquecimento os conhecimentos acerca dos amores virtuais poderiam trazer para os modelos de comunicação. Mas antes devemos nos deter por alguns instantes nos relacionamentos amorosos virtuais.

Ciberamor

Retomemos alguns aspectos desenvolvidos em nossa tese de doutorado pertinentes para discussões aqui desenvolvidas¹.

Os relacionamentos amorosos virtuais, ciberamor, ou seja, aqueles que se restringem ao ciberespaço, sendo relacionamentos radicalmente novos, não devem contudo ser compreendidos como incompletos, anormais ou desviantes. São antes relacionamentos plenos, ou tão plenos quanto os reais – onde há encontro face a face. Esses relacionamentos permitem uma forma de experiência singular, da qual alguns aspectos merecem destaque. Nos referiremos ao corpo, ao que seja a identidade, ao problema da linguagem e ao problema do que seja a realidade.

Em primeiro lugar, tomemos a característica mais marcante e evidente dos relacionamentos virtuais: o corpo físico dos participantes de um relacionamento virtual permanece sempre excluído da relação. Trata-se de uma relação, nesse sentido, incorporal.

Mas essa ausência de encontro físico e de contato com o corpo do parceiro não significa uma radical exclusão do corpo pois os envolvidos têm um corpo próprio que sente, sofre, goza etc.. Além disso, sempre se imagina um corpo para o parceiro, este é sempre dotado de um corpo “imaginário”.

Por outro lado, a questão da identidade se coloca de modo específico nos relacionamentos virtuais e essa especificidade da identidade remete para o fato de não haver encontro físico entre os parceiros envolvidos. É precisamente essa ausência de corpo físico faz com que a identidade se coloque de outro modo.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



O corpo sempre definiu o espaço do próprio e do individual, na medida em que sendo único e singular, confere a seu possuidor um lugar específico. Ora, a ausência de corpo físico, que traduziríamos por ausência de suporte corporal físico para a relação, faz com que a identidade perca sua territorialização orgânica, o que abre para a possibilidade de invenção de identidades fictícias que nunca serão desmentidas pela identidade corporal própria de cada um.

A posição lógica da identidade se modifica: se na comunicação tradicional a identidade é uma base sobre a qual vai assentar o processo comunicativo, as novas tecnologias fazem da identidade uma consequência da comunicação.

Contrariamente ao esquema habitual de comunicação onde a identidade dos parceiros é um dado inicial que introduz à comunicação, no caso dos serviços de mensagem-diálogo [oferecidos pelo Minitel, mas a afirmação é seguramente generalizável para a Internet] a identidade se torna o que está em jogo, um produto da comunicação¹.

Não se pode falar num sujeito transcendental, externo à relação e à comunicação pois a identidade é sempre parte do jogo e da relação (comunicação) virtual. Não há identidade viável fora disso. Nesse sentido a identidade é imanente.

A linguagem nos relacionamentos virtuais é, em sua maioria, a linguagem escrita. Isso se deve ao fato de que esses relacionamentos dependem de computadores e de que – em função de problemas de velocidade de transmissão de dados, do custo de periféricos para transmissão e reprodução de som e imagem etc. – a comunicação mediada por computadores é predominantemente escrita.

Ora, nas comunicações mediadas por computador, um estilo diferente de escrita se delineia, um estilo *online* de escrita, caracterizado pela economia, pelo uso de abreviações, pela existência de uma abundância de erros de gramática ou de ortografia, por uma informalidade e objetividade, pelo uso de emocícones etc.. É essa linguagem que “realiza” o jogo amoroso virtual. Como indica um importante teórico da cultura ciber: “temos vontade que nossas frases se acariciem, se envolvam, se excitem uma à outra”¹.

Essa criação de um novo estilo a partir da inovação tecnológica, e a constante evolução desse estilo nos indicam que a linguagem é algo de vivo, dinâmico, aberto, cujo sentido não pode ser totalizado. Não se pode falar de um código fechado.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Ao mesmo tempo, essa linguagem não pode ser pensada como “representando” o parceiro, uma vez que o parceiro só existe enquanto presente na linguagem, enquanto “apresentado” (e não representado) na e pela linguagem.

O que é a realidade nos relacionamentos virtuais?

Não há sentido, no caso dos relacionamentos virtuais, em se falar em uma realidade exterior, pois toda a realidade do relacionamento, a realidade em que ele existe, é a realidade construída na relação através da mediação dos computadores. A realidade é o que se constrói como realidade. Algo de análogo ao que acontece no sonho: a realidade no sonho é o espaço do próprio sonho, não há outra realidade, não há externalidade.

Temos assim um jogo fechado que comporta: identidade, linguagem e realidade se produzindo reciprocamente. A identidade dos participantes do amor virtual é a identidade que se constrói para a relação (um homem pode construir uma identidade de mulher, por exemplo, sem ser desmentido por seu corpo físico) através da linguagem; a realidade é também algo que se produz no espaço interno da relação através da linguagem; ao mesmo tempo, a linguagem se enriquece e evolui no relacionamento, não podendo ela também ser referida a uma suposta realidade externa que seria por ela representada.

Tendo destacado esses aspectos característicos dos relacionamentos virtuais, passemos então ao ponto seguinte que é precisamente o problema de como abordar esses relacionamentos a partir dos modelos propostos para a compreensão do processo comunicativo.

Os modelos e os relacionamentos

Começamos indicando que não nos serviremos do modelo tautista e nos serviremos, portanto, apenas do par representação-expressão. Esse abandono da terceira metáfora de Sfez se deve a vários fatores.

Em primeiro lugar, o tautismo é definido por Sfez como confusão entre expressão e representação. Sua existência é assim derivada e secundária em relação aos dois outros modelos.

Em segundo lugar, o tautismo funciona no pensamento de Sfez com instrumento de diagnóstico e crítica das disfunções supostamente existentes atualmente no campo da

comunicação (teorias e práticas incluídas). Tal questão não se mostrou uma questão essencial para a análise dos relacionamentos virtuais.

Em terceiro lugar, as teorias tautistas apontadas por Sfez não são teorias tradicionalmente reconhecidas como Teorias da Comunicação, o que nos permite imaginar (não podemos provar isso, o que daria ensejo a um outro texto) que o tautismo do ponto de vista teórico vem de fora (das ciências cognitivas, de alguns teóricos do pós-modernismo, da biologia talvez) e não se origina no campo das tradicionais teorias da comunicação.

Esses fatores, somados a um último que apresentamos a seguir, nos levam a desprezar o tautismo em nosso cruzamento dos modelos da Teoria da Comunicação com nossos conhecimentos acerca dos relacionamentos virtuais.

O último fator que motivou nosso abandono do tautismo foi o seguinte: se o tautismo se define por misturar no mesmo espaço representação e expressão, por indiferenciar os traços que caracterizam a representação e a expressão num híbrido (monstruoso, diria Sfez!), nos parece que o tautismo não configura propriamente um modelo do processo comunicativo, mas sim a falência dos dois modelos complementares possíveis. Se a dialética dos modelos representativo e expressivo estabelece a possibilidade da compreensão do que acontece no campo da comunicação, o tautismo é o operador da incompreensão.

Parateologia e antiteologia, o tautismo é uma ideologia; como tal, serve para ocultar. Ele escamoteia o fim do sujeito, e chega a exhibir esse ocultamento, do qual faz um triunfo. Esconde, portanto, o fim da comunicação, de que pretende ser o arauto¹.

Uma vez que o tautismo não se configura como modelo de compreensão do processo de comunicação, optamos aqui por não incluí-lo em nosso confronto com os relacionamentos amorosos virtuais. Como toda opção teórica, a nossa não é absoluta e admite contestação.

A partir do cruzamento dos modelos representativo e expressivo com os relacionamentos virtuais, as seguintes conclusões se impõem.

Primeiramente, procedendo por eliminação, notamos que o modelo representativo é um modelo absolutamente inadequado para pensarmos os relacionamentos virtuais. As causas dessa inadequação são várias.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

O modelo representativo supõe a externalidade e independência do sujeito. Não podemos pensar relacionamentos em que a identidade e a subjetividade se constroem no processo mesmo de relacionamento a partir de um tal ponto de vista.

O modelo representativo tem da técnica uma concepção utilitária e instrumental. Nos relacionamentos virtuais, a técnica, ou melhor a tecnologia que torna possível o relacionamento (os computadores ligados em rede), tem uma função constitutiva ou construtiva, é a técnica que permite a construção do relacionamento e dos elementos envolvidos. Portanto a concepção instrumental ou utilitária é inutilizável.

A externalidade máquina-homem proposta pelo modelo representativo também se mostra inaplicável numa tentativa de compreensão dos relacionamentos virtuais. Tal se deve ao fato de que nesses relacionamentos o que ocorre é na realidade uma hibridização homem-máquina, posto que um indivíduo só existe para o parceiro enquanto conectado à máquina, só existe enquanto tela, portanto enquanto máquina, posto que para entrar na relação se supões como condição essencial o uso da máquina. Não podemos nos esquecer de que o ciberespaço, o espaço em que os relacionamentos virtuais se dão só existe quando as máquinas estão conectadas entre si, ligadas e operadas por sujeitos humanos: portanto é um espaço humano-maquínico, espaço onde homem e máquina se conjugam (as técnicas de realidade virtual potencializam ainda mais essa situação!).

Mais fundamentalmente, o próprio paradigma da representação, que remete para a filosofia de Descartes, se mostra inadequado para uma reflexão sobre os relacionamentos amorosos virtuais. Esse paradigma comporta de um lado o sujeito existindo por si mesmo independentemente; por outro o objeto, também existindo por si; e, finalmente, a representação como algo que liga sujeito e objeto numa relação. A representação é o que torna presente o objeto para o sujeito, e pode ser dita verdadeira se adequada ao objeto e falsa se inadequada. Uma linguagem clara, um código fechado e bem definido, com conceitos delimitados permitem a boa representação (pensemos na temática racionalista dos “conceitos claros”). Temos portanto um sujeito e um mundo objetivo ligados pelo conhecimento que será verdadeiro se as representações forem adequadas e a linguagem bem feita. Ora, os relacionamentos virtuais marcam precisamente a falência de um sujeito independente, de um mundo objetivo existente por si só, de uma linguagem clara e que represente adequadamente o mundo.

Constatamos, assim, após essa tentativa de análise dos relacionamentos virtuais nos servindo do primeiro modelo destacado, a total impossibilidade de realização de uma análise consistente desses relacionamentos através do instrumental proposto pelo modelo representativo.

O modelo expressivo, por outro lado, se mostra mais adequado.

Recordemos suas características: dissolução da separação radical entre o sujeito e o mundo bem como entre o sujeito e os meios de comunicação; sujeito e objeto estão ligados num todo em que o fundamental é a relação;

(...) os objetos técnicos são nosso contexto ‘natural’(...). Acaso e necessidade: as regras não são estabelecidas de uma vez por todas, subsistem bolsões aleatórios, e a identidade de um sujeito deve ser definida pontualmente. A preposição *em* prevalece. (...)A mídia não é mais personagem à parte, que traduz o mundo objetivo para um receptor passivo. A mídia está no mundo, da mesma forma que o receptor, assim como o mundo está na mídia e no receptor.¹

Todos esses traços podem ser encontrados nos relacionamentos virtuais: sujeitos, realidade e mídia estão ligados e só existem na relação; a tecnologia fornece o ambiente “natural” da relação; as regras devem ser negociadas pois tais relacionamentos são democráticos (“puros” no sentido de Giddens¹) e sua forma deve ser estabelecida pelos participantes; a identidade é um produto da relação; falência do esquema da representação; interligação da mídia, do mundo, do receptor, do emissor etc..

Concluimos portanto, a partir desses dados, que os esquema expressivo na realidade permite que abordemos perfeitamente os relacionamentos virtuais. Enquanto que as categorias do esquema representativo são diametralmente opostas ao que caracteriza os relacionamentos virtuais, as do esquema expressivo são plenamente adequadas.

Podemos então nos perguntar de que modo os conhecimentos sobre os relacionamentos virtuais poderiam enriquecer os modelos propostos pela Teoria da Comunicação.

Sobre esse ponto, consideramos que não há propriamente contribuições que nossos conhecimentos sobre os relacionamentos virtuais possam fazer para a forma dos modelos propostos pelas teorias da comunicação. O modelo representativo sendo absolutamente inadequado, não há praticamente nenhuma contribuição que possa ser feita; o modelo

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



expressivo tal como constituído, por sua vez, parece adequado, não havendo nenhuma mudança a ser realizada.

Mas há um ponto em que algo importante pode ser detectado. O fato do modelo representativo ser absolutamente inadequado e o expressivo preciso para a compreensão dos relacionamentos virtuais nos permite colocar a possibilidade de uma generalização (sobre a qual não nos debruçamos pois se encontra para além do âmbito de nosso artigo): talvez o modelo representativo seja inadequado para pensar a comunicação humana em geral, sendo adequado para a comunicação entre máquinas; correlativamente, estaria colocada a possibilidade do expressivo ser o que melhor retrata a comunicação quando seres humanos estão envolvidos. Tenhamos em mente que o modelo matemático da Teoria da Informação, exemplo maior de modelo representativo, foi criado não para resolver o problema da comunicação humana mas para tratar de sistemas puramente físicos. Se “a teoria da informação procura dar conta deste lado físico, concreto, do processo de comunicação – dele excluindo qualquer consideração sobre sentidos, significados e semânticas”¹, talvez essa teoria, e com ela o paradigma representativo, devam ser postos de lado em favor do paradigma alternativo, o expressivo, em se tratando da comunicação humana. Encerramos com essa especulação que poderá talvez servir como ponto de partida para futuros trabalhos.

Referências Bibliográficas

- AKOUN, André. *La communication démocratique et son destin*. Paris: PUF, 1994
- DERY, Mark. *Vitesse virtuelle – La cyberculture aujourd’hui*. Paris: Abbeville – Tempo, 1997
- DORIA, Francisco Antônio e DORIA, Pedro. *Comunicação: dos fundamentos à Internet*. Rio de Janeiro: Revan, 1999
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993
- GONÇALVES, Márcio Souza. *Comunicação, virtual e amor na sociedade contemporânea*. Tese de Doutorado defendida na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2000.
- SFEZ, Lucien. *Critica da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 1994.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.